

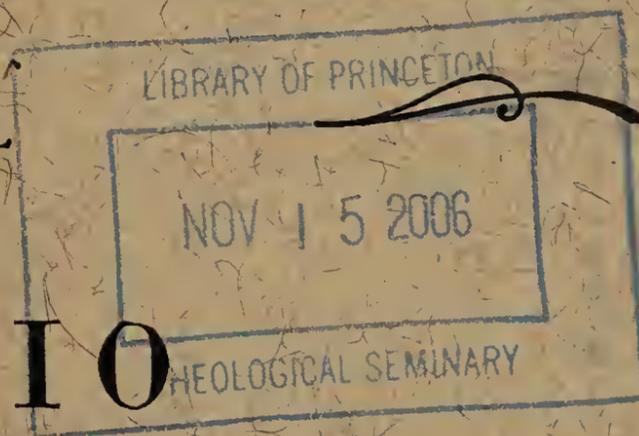
Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

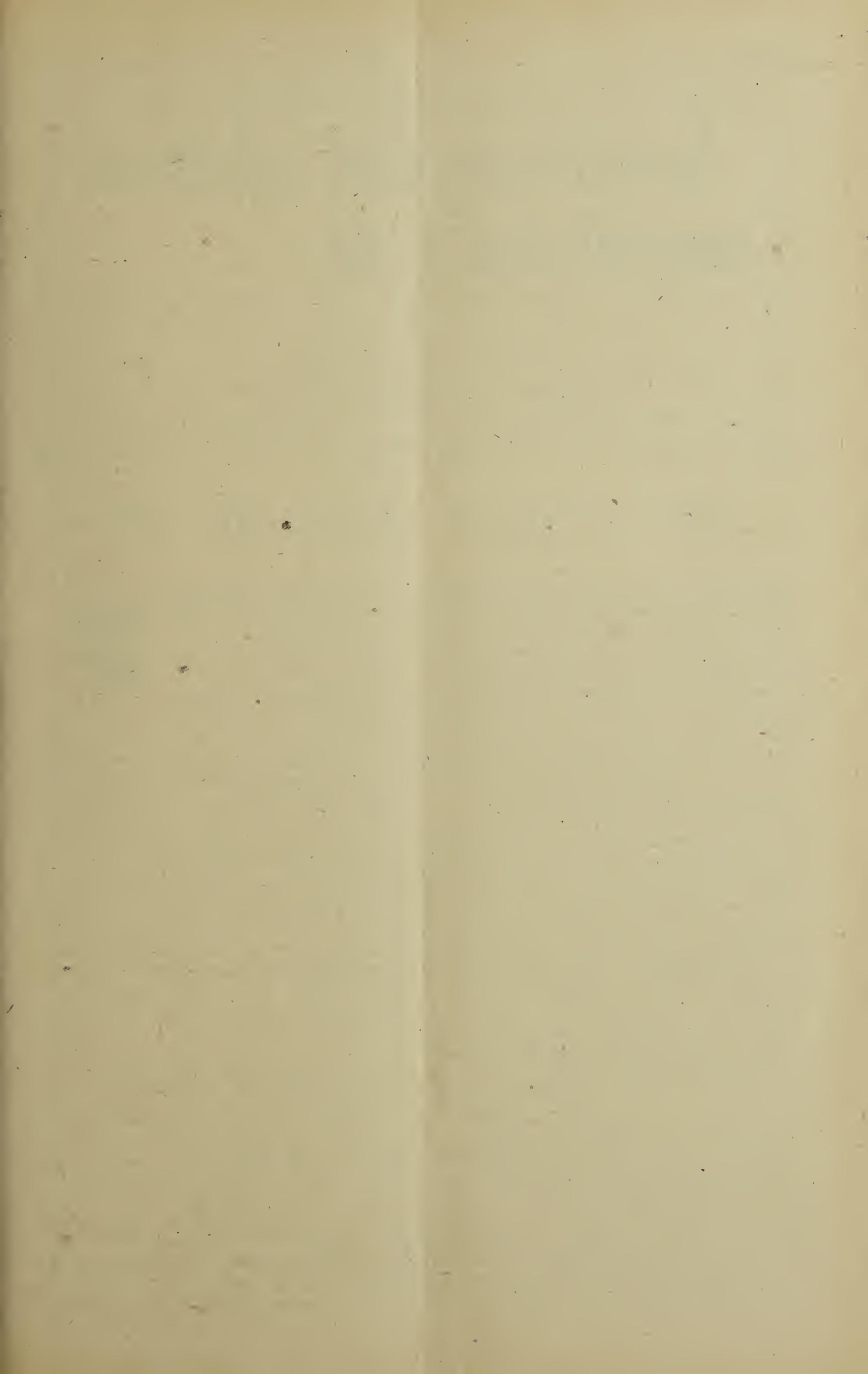
REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

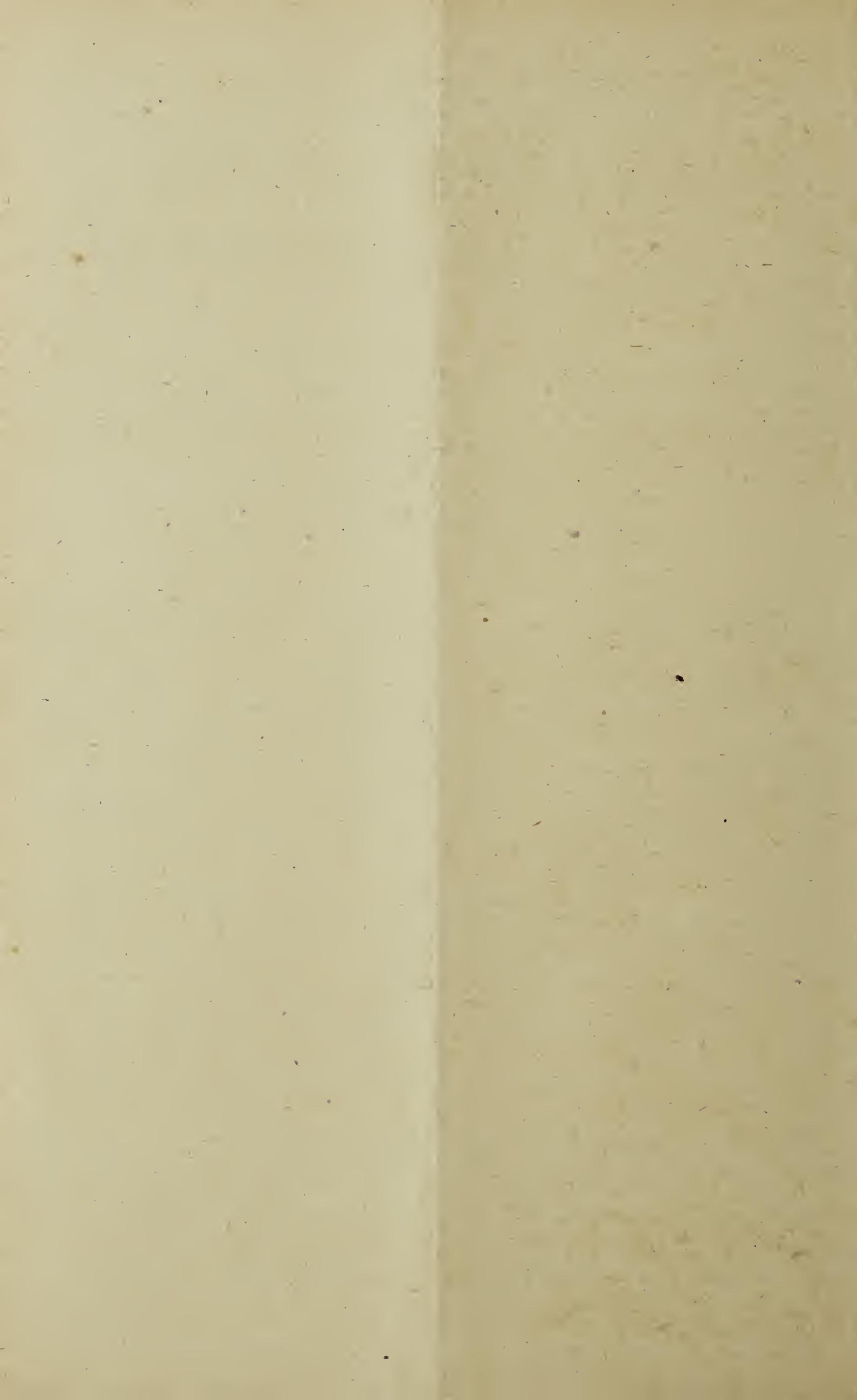
FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL



SUMÁRIO

Mocidade Espírita	<i>Redação</i>
A Vidente de Prevorst	<i>Dr. Francisco Klörs Werneck</i>
A Repercussão dos Fenômenos de Hydesville no Mundo Religioso e Científico Norte-Americano	<i>Leopoldo Machado</i>
A Obra de Geley	<i>Ismael Gomes Braga</i>
Fenômenos de Materialização	<i>Amadeu Santos</i>
Trinta Anos entre os Mortos	<i>Dr. Francisco Klörs Werneck</i>
Novo símbolo da fé Cristã — O Cris- to Vivo !	<i>J. B. Chagas</i>
O Espiritismo não deve ser postergado	<i>Pereira Guedes</i>
Livros e Autores	<i>Leopoldo Machado</i>
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>
Necrologia	<i>Redação</i>





Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ≡ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

≡ Mocidade Espírita ≡



STAMOS acompanhando com simpatia, entusiasmo e interesse cada vez maior o notável movimento da mocidade espírita, movimento que constitui a

prova mais frisante de que o trabalho e o sacrifício dos chamados velhos na difusão da Doutrina começam a produzir frutos a mancheias, e frutos saborosos, razão por que estão de parabens os pioneiros do Espiritismo no Brasil, muitos dos quais já desincarnados, mas que continuam da mesma maneira a trabalhar pelo triunfo da Doutrina, estimulando, encorajando e orientando com suas renovadas mensagens e seu indispensável adjutório espiritual a todos aqueles que, cheios de boa vontade, se propuseram a trabalhar na seara espírita.

Vemos nêsse movimento o cumprimento de uma das predições de Jesus quando afirmou: «E será pregado êste Evangelho do reino por todo o mundo em testemunho a todas as nações, e então virá o fim». Razão por que achamos que se os espíritos não se movimentarem no sentido de dar um vigoroso impulso na difusão da Doutrina, como poderá ser pregado o *Evangelho do reino em testemunho a todas as nações*? Das

religiões sacerdotais, que cuidam apenas dos seus interesses materiais e pessoais, ninguém espere trabalho decisivo na pregação do Evangelho, porque já faliram lamentavelmente na tarefa que se propuseram cumprir. E' dos espíritos, os novos e verdadeiros cristãos, que Jesus espera seja o seu Evangelho difundido em espírito e verdade por todo o mundo.

Acreditamos piamente que os moços espíritos, orientados com segurança pelos velhos, seus mentores, muito podem produzir a pról da propaganda da Doutrina e em seu próprio benefício, de vez que, pelo estudo e prática dos postulados espíritos, que se estribam no espírito do Evangelho, podem aprimorar o sentimento e o caracter e iluminar o cérebro com as luzes dos conhecimentos que forem adquirindo no terreno moral e intelectual, porque o Espiritismo, no seu tríplice aspecto de ciência, filosofia e religião, abrange todos os setores da atividade humana.

Somos mentores da Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» e, nas nossas observações, temos notado que, após a fundação da Mocidade, aumentou consideravelmente o número de jovens e moços espíritos, alguns dos quais ingressaram ha pouco na fileira espírita, em consequência do trabalho ativo dos moços espíritos.

A Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» comparece quasi inteirinha às sessões do Centro Espírita «Aman-tes da Pobreza», o que não se registrava antes da sua fundação, e realiza semanalmente duas sessões, aos domingos, às 14 horas, e às sextas-feiras, às 20 horas. As sessões domingueiras destinam-se a apresentação de trabalhos escritos e dissertações sôbre pontos doutrinários e evangélicos, cada um procurando fazer o mais possível, de acôrdo com a sua capacidade. As de sexta-feira destinam-se ao estudo dos livros básicos da doutrina, principalmente do Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, havendo troca de opiniões sôbre este ou aquele ponto. Como mentores podemos afirmar que, dada a maneira por que são orientadas tais sessões, nenhum joven ou moço que delas participe, deixa de ficar bem esclarecido com relação ao conhecimento da doutrina e ao cumprimento dos seus deveres cristãos.

O que é digno de nota é que às sessões da mocidade comparecem os velhos, assim como os moços comparecem às sessões dos velhos, e isto porque, cônscios, uns e outros, dos seus deveres de espíritas militantes, sabem muito bem que não ha velhos e nem moços em se tratando da Doutrina.

E' confortador e digno de estímulo, encorajamento e adjutório o trabalho dos moços desta novel associação, que se esforçam o mais possível no estudo da Doutrina. Mas o trabalho desses moços não se cifra apenas no estudo dos livros filosófico e científicos da Doutrina. Eles procuram converter em obras o produto dos seus estudos, na plena confirmação dos conhecimentos que vão adquirindo. Querem mostrar a sua fé pelas suas obras, conforme S. Tiago, cap. II, vrs. de 14 a 26.

E assim, aos domingos, são escalados os moços que devem visitar

os enêrmos pobres e os necessitados, aos quais levam gêneros alimentícios, roupas e dinheiro. E agora estão empenhados na compra de um terreno destinado à construção da Vila dos Pobres «Cairbar Schutel», porque sabem que *fôra da caridade não ha salvação*, e que precisam pôr em prática o que vão aprendendo, em obediência ao seguinte preceito do Mestre: «De tal modo brilhe a vossa luz diante dos homens, que eles vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus.»

Portanto, estudo, como meio de esclarecer, iluminar o espírito, e assistência social aos enêrmos e necessitados de todas as idades, crenças e raças, constitúe o objetivo imediato da Mocidade Espírita «Cairbar Schutel». E nesta cruzada cristã, moços e velhos marcham paralelamente, indiferentes aos atritos de opiniões ou pontos de vista relacionados com o movimento da mocidade espírita, que, segundo pensamos, veiu na hora aprazada, por uma sábia determinação do Alto, o que parece estar justificado pela amplitude de tão oportuno movimento. E nêste caso estamos com o parecer de Gamaliel: «Se êste conselho ou esta obra for de homens, se desfará; mas se é de Deus, não podereis desfazê-la, para que não sejais, porventura, achados, até pelejando contra Deus». (Atos, cap. V, vrs. 38 e 39).

Enfim, êsse grandioso movimento está em marcha triunfante e não acreditamos na existência de um só espírita, seja moço ou velho, que persista em ficar na orla da estrada a censurar aqueles que procuram andar sempre para a frente, em demanda dos seus gloriosos destinos, num trabalho construtivo e essencialmente cristão.

Para a frente e para o Alto, pois, mocidade espírita!

Doutrina de amor, de paz e de luz, o Espiritismo é o único caminho que conduz a humanidade a Jesus, que constitúe, a seu turno, a única porta que dá acesso ao reino de Deus. Isto significa que o vosso esforço no sentido de difundir esta doutrina deve aumentar sempre, tanto mais que sois auxiliados pelos Mensageiros de Jesus, o que vos deve alegrar e estimular sobremaneira. — CAIRBAR

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO XVI

As fórmulas mágicas da vidente

A Sra. Hauffe considerava o número 7 como lhe sendo favorável e o fazia entrar em todas as suas prescrições de remédios, etc. Para ela ainda, a sétima hora do dia era particularmente crítica. O número, dizia, faz parte do meu ser, bem como certa linguagem (da qual falaremos mais adiante.) Se eu tivesse o número 3, teria sido muito mais depressa aliviada.

Da mesma forma que Paracelso, atribuía virtude especial à herba de São João, a *hypericum perforatum*, planta de que se servia só como amulêto. Certo moço, que padecia de melancolia profunda e a quem a Sra. Hauffe aconselhára trazer consigo tal herba, à guisa de amulêto, ficou completamente curado, em seguida a uma grave erupção que lhe sucedeu ter depois do seu uso.

Como todos os sonâmbulos, a Sra. Hauffe não extraía os seus remédios só da botica do farmacêutico, mas também de toda a natureza. Suas prescrições concordavam muitas vezes com o sistema homeopático. Ela prescrevia, em fracas doses, substâncias que, em doses elevadas, provocariam os sintômas que desejava combater. Em certos casos, suas receitas eram puramente mágicas. Assim, de uma feita, ela me pediu para recitar, pela manhã e à noite, às 7 horas, a Prece Dominical, mas que o fizesse com fé e que, no momento de proferir as palavras «Livrai-nos do mal», tivesse a mão pousada sobre a sua fronte.

A propósito dos amulêtos, é preciso notar que ela os usava menos para ela que para os outros. Às vezes os confeccionava com substâncias vegetais, mas quase sempre com sentenças escritas, tomadas à sua linguagem interior.

«A palavra, diz Poirot, não foi dada ao homem só como meio de comunicação, mas como o meio de dirigir todo o mundo visível, pelo seu poder secreto, porque a palavra e a coisa são uma única e mesma coisa. Quando os santos personagens da antiguidade faziam tão grandes coisas, quando Adão deu a todos os animais nomes de acordo com as suas naturezas, quando Noé os reuniu na sua arca e Moisés ordenou ao Mar Vermelho que se separasse, não foi senão um retorno à natureza originária do homem.» Não se pode admitir que existisse naquela época, uma linguagem como aquela que a vidente reproduzia, linguagem que exprimia, com suas palavras e modulações, os poderes e as gradações da natureza física, de tal sorte que, lendo-se ou ouvindo-se tais palavras, as coisas com as suas propriedades se apresentavam logo à mente.»

Uma linguagem capaz de formar ou de representar coisas deve necessariamente exprimir todo um sistema, em poucas palavras. É possível que existam assim palavras mágicas que contenham, ao mesmo tempo, o espírito e as faculdades das coisas santas. Um amulêto pode não ter nenhum valor ou gozar grandes propriedades, contendo o nome e as virtudes da verdadeira fé. A virtude não reside na palavra, nem nas substâncias das ervas ou dos metais. Podeis fazer amulêtos tão grandes quanto os dos fariseus, mas nada obtereis sem a fé, nem também sem ter o nome de Jesus nos lábios.

As fórmulas mágicas da Sra. Hauffe parecem ser constituídas de palavras e algarismos de um sentido mais profundo que o de sua linguagem interior, e também da mesma natureza que êsses algarismos misteriosos que lhe permitiram calcular o dia de sua morte.

Signos e nomes dêsse gênero eram usados pelos antigos e proviham, sem dúvida, de sua vista interna. Quando confeccionavam amulêtos, formavam-nos de modos diferentes, segundo devessem ser levados nas costas ou sôbre o estômago. Se a séde da doença era no cérebro, eram colocados nas costas e, quando era o sistema ganglionar que estava afetado, punham-nos sôbre o estômago. Tal não autoriza a pensar que se era outróra mais sensível ao magnetismo que em nossos dias. Os amulêtos são originários do Oriente, berço da espécie humana. Entre nós tais remédios só são usados por gente do povo. Considera-se que as condições indispensáveis à sua eficácia residem nas mãos que os preparam, nos planetas sob os quais foram as plantas colhidas e na fé infantil do enfêrmo.

A Sra. Hauffe dizia que, para desenvolver o poder mágico, era preciso ter a mais absoluta fé no mundo invisível. «É uma faculdade especial da alma, que é sustentada pelo espírito. Há outra espécie de magia de que não quero falar e que não é auxiliada pelo espírito».

Eschenmayer, nos seus «Mistérios», se exprime, assim, a tal respeito: «Amulêto, palavra estranha para o nosso século, em que a razão completamente triunfou sôbre as suspensões da idade-média! Este ressurgimento de amulêtos e de absurdidades do mesmo gênero serve para mostrar a loucura dessa história, ou, pelo menos, a insanidade da vidente. Como homens sensatos e instruídos podem se deixar assim arrastar para fóra das noções adquiridas?» Tais são as suas palavras, mas nós as consideramos irônicas, porque temos certeza de que êle possuía uma fé absoluta nos fenômenos produzidos pela vidente, uma vez que os estudou pessoalmente, com o maior cuidado.

Há três espécies de poderes curadores: o da natureza, o da natureza combinado com o poder espiritual, e o poder puramente espiritual. Quando o corpo está enfêrmo, recorre-se ao primeiro, com as suas terras, seus metais, seus sais, etc. O segundo é

o magnetismo importuno e tão incômodo que vemos aparecer em tantas histórias, que não podemos mais suprimir e que chega, sem que se possa duvidar disso, a curar em certas ocasiões em que todos os outros meios falharam. Para empregá-lo não é preciso conhecer a ciência médica; basta ser um homem honesto e forte. O que cura então não é apenas a força orgânica que emana das mãos do homem, é a influência física do homem inteiro. Mas há um remédio superior ainda: é a força puramente mágica. As fórmulas com o nome de Jesus Cristo são o remédio que nos Ato dos Apóstolos, cap. III, 2-18, Pedro nos ensinou: «Vós não quereis reconhecê-lo, e, entretanto, perdestes todo o poder que é concedido aos pobres de espírito, que, no futuro, irão exercê-lo em toda a extensão da sua fé.»

A magia que a Sra. Hauffe diz não ser sustentada pelo espírito é a de natureza má e que só é praticada por aqueles que se devotaram ao espírito do mal. É a ela que o Evangelho faz muitas vezes alusão, mas a razão se ri de tais superstições. Como quer que seja, os resultados obtidos falam a favor da eficácia dos amulêtos. Que aqueles que duvidam andem até lá e façam o seu interrogatório: os testemunhos são numerosos e ainda se pode obter alguns. Se não crêdes neles, não creereis ainda naqueles que viriam do reino dos mortos para confirmar a verdade dos factos que relatamos.

No início da sua doença, o espírito protetor da Sra. Hauffe lhe mostrára, durante um sonho, o desenho de um aparelho que, convenientemente empregado, lhe devia restituir a saúde. A Sra. Hauffe o desenhou num papel, mas não se deu importância a ele. Depois de longo intervalo, a comunicação foi renovada e ele lhe disse que se ela tivesse seguido, no devido tempo, o conselho dado, estaria já completamente curada. Foi ele construído antes da morte da Sra. Hauffe. O efeito produzido foi de natureza galvânica. Ela disse: «Isto carrega os meus nervos» e o denominou seu *afinador de nervos*.

A REPERCUSSÃO DOS FENÔMENOS DE HYDESVILLE NO MUNDO RELIGIOSO E CIENTÍFICO NORTE-AMERICANO

LEOPOLDO MACHADO

Assim como o Cristianismo veio do Judaísmo, e o Protestantismo repontou do Catolicismo, o Espiritismo teria de surgir do Protestantismo.

Por um determinismo evolutivo, naturalmente.

E assim foi, efetivamente, justificando um grau maior, na evolução do Espiritualismo, a favor do Espiritismo.

Sendo a America protestante, e nascendo aí o moderno espiritualismo, certo que sua repercussão religiosa só poderia manifestar-se, primeiramente, no meio protestante.

* * *

Protestante era o lar e a família em que se verificaram os fenômenos famosos.

Protestantes foram os grandes nomes que, primeiro, se preocuparam, seriamente com os fenômenos.

E protestantes, as primeiras hostilidades religiosas que o Espiritismo teve que enfrentar.

A repercussão, desse modo, que os fenômenos espíritas teriam no meio religioso-científico norte-americano, teria de ser, em face da índole mesma do povo, agitada e progressista, extraordinária.

* * *

A vida religiosa da grande nação registra, indiscutivelmente, o maior precursor do Espiritismo: Andrew Jackson Davis.

Um ano antes dos fenômenos de Hydesville, em 1847.

E em localidade diferente, porque às margens do Hudson, em *Pough-keepsie*, localidade mais insignificante do que Hydesville.

Davis era raquítico, doentio em moço.

Escreveu em transe mediúnico que «Os tempos são chegados e o machado vai, de novo, cortar a árvore secular da Revelação, que não dá mais fruto.»

Escreveu, muito moço ainda, assistido pelo Espírito de Galeno e pelo espírito de Swendenberg, um grande livro: *Os princípios da Natureza e a Revelação Divina*.

Foi o João Batista do Espiritismo, não só na America, como até no mundo.

E' dele esta outra profecia, que se está cumprindo integralmente, com a implantação do Espiritismo: «As vozes do Céu se vão fazer ouvir, trazendo a este mundo uma nova Revelação.»

Profecia dele e revelação mediúnica...

Davis era como John Fox e as primeiras médiuns, as meninas Fox, protestante...

* * *

Os fenômenos de Hydesville se projetaram, primeiramente, até Róchester.

Nesta cidade, o primeiro grupo espírita que houve: em casa do metodista, dr. Fish, genro de John Fox, porque, casado com Léa, a mais velha das Fox.

Em casa do Rev. Jervis, também em Róchester, o segundo núcleo espírita.

Um como o outro, destinados a prestar muito serviço à causa nascente, pelo volume dos conversos que fizeram os fenômenos aí observados.

* * *

Era protestante quem ideiou o primeiro processo alfabético para interpretar os fenômenos tipológicos a pancadas convencionais, sr. Duesler.

Por meio desse alfabeto chegou-se a conversar claramente com o espírito vingativo de Carlos Rosna.

E, por esse meio, o espírito de Rosna confirmou, sem o saber e o sentir, que tais fenômenos iriam dar volta ao mundo.

* * *

Outro processo mais engenhoso para conversar com os espíritos, porque uma espécie de aparelho telegráfico, é invento de outro protestante: Isaac Post.

* * *

Os fatos mais importantes da época, que teriam, especialmente, de chamar a atenção do mundo científico, foram testemunhados em casa de respeitável pastor presbiteriano: dr. Phelps.

Esses fatos, que tiveram maior eclosão e repercussão foram em 1850.

Eis a razão por que 1850 foi tomado como o ano primeiro do calendário metapsíquico.

E' que a Metapsíquica é a ciência moderna, que se ocupa, exclusivamente, com os fenômenos espíritos, tangíveis, embora tais fenômenos, marquem, apenas, um aspecto dos menos relevantes do Espiritismo como doutrina reformadora.

* * *

A Igreja Protestante, que expulsou os Fox de seu seio, como endemoninhados, teve necessidade e pressa de desmascarar, de uma vez por todas, os fenômenos então em moda.

* * *

Foi bem maior e mais retumbante a repercussão no meio científico.

A primeira reunião experimental, para se tirar, cientificamente, a prova das faculdades mediúnicas das Fox, foi a 14 de Novembro do ano seguinte, 1849.

Estudos realizados no salão Coríntia, o maior de Róchester.

As irmãs Fox foram aí aclamadas por muitos e negadas por outros tantos.

Uma reunião, essa, imprecisa, porque lhe faltou o depoimento indiscutível da Ciência.

Mas, foram fenômenos de tal ordem, repetidos, posteriormente, em outros ambientes, que converteram o governador Talmadge.



Catarina Fox

Lea Fox

Margarida Fox

Era preciso, na verdade, confundir a impostura, ou o diabolismo.

Quem seria, então, capaz?

Só um grande nome, pastor e teólogo dos mais famosos, polemista dos mais desabusados, grande no saber e na combatividade: o Rev. Haumont.

Contra a expectativa geral do mundo religioso e científico, o Rev. Haumont apresentou seu relatório, em 1849, sobre os fenômenos que testemunhou.

Apresentou-os como reais, indiscutíveis, claros, concludentes.

Nem fraudes, nem diabolismos descobriu o desabusado reverendo.

Artes do demônio? Póde ser, disse êle, «salvo se o diabo estiver regenerado».

E com a sua conversão, o registro dos primeiros objetivos reais da Doutrina nascente: «... que a Humanidade viva em harmonia e que os cépticos se convençam da imortalidade da alma».

* * *

Homens de ciência e de alto critério filosófico e literário se reuniram, por vezes várias e em vários ambientes e localidades, em torno das Irmãs Fox, para o estudo dos fenômenos por elas provocados ou realizados.

Fenômenos que eram apresentados como realidades flagrantes, a despeito de choeram dos púlpitos protestantes e das

cátedras acadêmicas contra eles toda sorte de condenação e de negação.

Foi bem uma sessão assim a que esteve presente o grande romancista Fenimore Cooper, em 1850, em New-York.

* * *

A oposição religiosa e científica, sistemática e sectarística, não impediu que, em 1851, já houvesse, nos Estados Unidos, mais de 10.000 conversos à sua realidade.

* * *

Em 1852 o Congresso Nacional recebeu, vindo de New-York, um requerimento com mais de 14.000 assinaturas, pedindo a atenção oficial para os fenômenos.

O Congresso não deu atenção de maior ao requerimento.

* * *

Por isso mesmo, talvez, se reuniu o 1.º Congresso do *Moderno Espiritualismo*, em Cleveland, a que compareceram vultos dos mais eminentes nas ciências, nas letras e nas artes, na política e na religião.

Perto de seiscentas pessoas compareceram ao certamen, que foi presidido pelo prefeito da cidade de S. Luiz, talvez o mais céptico dos congressistas.

E realizou-se no ambiente científico da Faculdade de Medicina da Universidade de Missouri.

As irmãs Fox compareceram ao famoso congresso, que foi em torno delas, principalmente, que êle existiu.

Examinadas a rigor por cientistas, sentaram-nas à pequena mesa de necropsia, (vejam bem em que lugar as sentaram!) colocadas no meio do amplo anfiteatro, para serem bem vistas e examinadas de todos.

Os fenômenos vieram, positivos, claros, precisos.

Quem os negaria?

Ninguém, de vez que todos os testemunharam bem.

Os cientistas se reuniram, depois, a um cômodo reservado, para o veredicto.

E o veredicto foi a confirmação científica de todos os fenômenos, embora negasse, peremptoriamente, qualquer intervenção neles de Espíritos...

Foi, esta, a primeira sanção científica dos fenômenos espíritas.

Cuidou-se, também, nêsse Congresso, em face dos resultados positivos de seus propósitos científicos, de «organizar-se sua doutrina e disciplinar seus trabalhos».

* * *

O Congresso de Cleveland teve repercussão retumbante na Europa: na França, na Alemanha e na Inglaterra, principalmente.

* * *

No ano seguinte, de 1853, vultos dos mais eminentes e de várias cidades levaram a termo a tarefa da orientação e da disciplinação da Doutrina e dos trabalhos de que acima se fala.

Rogers, de Boston, com o seu, *A Filosofia e seus modernos agentes*, o grande juiz Edmunds, da Suprema Corte de New-York, Talmadge, governador do Wisconsin e o cientista Dexter foram os principais instrumentos para tanto.

Chegou-se, assim, ao caracter religioso e científico do *Moderno Espiritualismo*, que é o nome que ainda hoje, tem o Espiritismo nos Estados Unidos.

Modern Spiritualism ou, simplesmente, *Spiritualism*.

Allan Kardec aí, ainda não entrou, com a sua Codificação.

Por isso é que se comemora o seu Centenário a 31 de Março, enquanto o resto da humanidade espírita talvez o comemore a 18 de Abril de 1857, com a comemoração do centenário do *Livro dos Espíritos*.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

A OBRA DE GELEY


 Ismael G. Braga

— IX —

No «eu» real há mais do que nas suas manifestações lógicas, intelectuais. Continua Geley:

«Os fatos demonstram que há no «eu» capacidades que ultrapassam os limites dos estados de consciência e que dominam todas as representações.

«A intuição e o gênio criador rebaixam em muito o nível das faculdades intelectuais.

«Não há na intuição, nem no gênio, nada do que caracteriza os encadeamentos da lógica. Aquelas faculdades são superiores, evidentemente tocam à essência divina do «eu».

«As faculdades psíquicas supranormais, e especialmente a lucidez, independentem de todas as contingências, não podem reportar-se ao intelecto.

«Portanto, digamos mais uma vez que o «eu», o «eu» real, o «eu» essencial, é distinto dos estados de consciência e dos processos mentais que o representam momentaneamente».

Geley nos demonstra a lei das encarnações sucessivas, partindo do estudo do inconsciente e sua transformação sucessiva, embora lentamente, em consciente, e no estudo da formação do subconsciente. Vejamos suas palavras:

«Nenhuma recordação, nenhuma experiência psicológica se perde. O organismo, no curso da vida, sofre imensas modificações e, sem dúvida, se renova muitas vezes, molécula por molécula. Os estados de consciência se sucedem, mais ou menos diferentes uns dos outros. Uma vida se compõe, na realidade, de uma série de vidas: vida da primeira infância, da adolescência, da idade adulta, da velhice; vidas distintas entre si, conquanto reunidas em um fundo comum.

«Estas vidas sucessivas estão mais ou menos afetadas por esquecimentos na aparência definitivos, que constituem para o ser como que outras tantas pequenas mortes.

«Porém, através da renovação das

moléculas orgânicas e dos estados de consciência, persiste um psiquismo superior e profundo, que registrou todos esses estados de consciência e os conserva de maneira indelével.

«Não estão, pois, esquecidos, embora permaneçam, em sua maioria, em estado latente. Mas isso não é tudo. O psiquismo inconsciente, que durante o curso da vida se enriquece dêsse modo com todos os novos estados de consciência, não se limita a registrá-los: *assimila-os*.

«Todas as aquisições conscientes são assimiladas e convertidas em faculdades. Isto é perfeitamente visível no curso da existência. O ser se «desenvolve», adquire faculdades novas ou mais acentuadas de sentir, de conhecer, de saber. O processo psicológico não pode ser outra coisa senão a conversão dos conhecimentos em faculdades. No entanto, esta conversão é subconsciente. Não ocorre nas moléculas cerebrais instáveis e efêmeras; necessita de uma elaboração contínua e profunda na parte permanente e essencial do Ser, isto é, no dínamo-psiquismo subconsciente.

«Assim, pois, pouco importam as desagregações perpétuas da personalidade consciente: a individualidade subconsciente permanente conserva a recordação indelével de todos os estados de consciência que a constituíram, e extrai, desses estados de consciência que assimilou, novas capacidades.

«Durante o curso da vida, o subconsciente individual deu novo passo rumo ao consciente.

«Assim, temos já uma base firme para partir, para nos dirigirmos para mais alto e mais longe no descobrimento da verdade.

«Só em pequena parte a criptopsiquia é formada das experiências da vida presente. Sua parte maior é inata. De onde, provém ela?

«A hipótese explicativa mais natural e mais razoável, será a que se baseia sobre fatos. E posto que a criptopsiquia e a criptomnesia são constituídas, em par-

te, por experiências cotidianas transferidas para o subconsciente, ao qual enriquecem, é legítimo inferir que são totalmente constituídas por experiências passadas.

«Posto que não se encontra no curso de nossa existência senão a origem de uma parte do tesouro subconsciente que temos acumulado, estamos autorizados a buscar o complemento desta origem em experiências anteriores, e a retroceder além da atual existência, para achar a origem da criptomnesia e da criptopsiquia do Sêr.

«Evidentemente, esta indução é formidável. A muitos leitores parecerá, a princípio, senão absurda, pelo menos desproporcionada aos fatos sôbre os quais repousa.

«O que há, é que não deve ser considerada isoladamente, mas associada ao conjunto das demonstrações precedentes.

«Assim se fazendo, ela adquire uma força nova. Já não é difícil compreender como o dínamo-psiquismo essencial, objetivando-se em novas representações orgânicas, guarda a memória profunda das experiências realizadas nas representações anteriores.

«Se, em lugar de uma só existência, se considerem séries de existências sucessivas, compreende-se imediatamente como se haja conquistado a consciência, partindo do inconsciente primitivo.

«Cada uma das existências, infinitamente numerosas e variadas, gravou-se no dinamismo essencial do Sêr e traduz-se por um estado de consciência, isto é, por uma recordação ou por uma capacidade.

«Foi assim que o Sêr passou, a pouco e pouco, do inconsciente para o consciente.

«A indução palingenésica, por outro lado, não é excluída por nenhuma objeção de ordem científica. Em vão procuramos achar uma só na massa dos nossos conhecimentos.

«Quanto ao esquecimento das existências anteriores, carece de importância para a ciência moderna. A recordação desempenha um papel muito secundário na psicologia normal: o olvido se estende a tudo. A maior parte das recordações desaparecem no curso da existência. A memória é débil, infiel, desfalecida. Incorre em faltas na vida normal regular e mais ainda nos estados anormais, «estados segundos», quer espontâneos, quer hipnóticos ou medianímicos».

Assim, sem se valer da revelação, sem considerações de ordem moral nem religiosa, partindo sómente da observação dos fatos, Geley chega inevitavelmente à doutrina reencarnacionista.

☉ Fenômenos de Materialização ☉

XVI

Dia 27 de Maio, terça-feira. O Grupo «André Luiz», na sua reunião habitual, recebia a visita dos prestimosos confrades João Ghignone, presidente da Federação Espírita do Estado do Paraná, Dr. José Medeiros, da Escola «Jesus Cristo», de Campos, Estado do Rio de Janeiro e Ceciliano de Melo Portinho, escrivão da Coletoria Estadual de Mimoso do Sul, Estado do Espírito Santo. Os trabalhos foram abertos por mim, com uma súplica a Jesus. Foi lido o capítulo «Ponderações de Vicente», do livro «Mensagem», de André Luiz. Finda a leitura, pedi ao confrade Prof. Newton de Barros procedesse à prece para a concentração, com o intuito de ouvirmos a orientação do Alto.

Abel Gomes comunica-se, embevecendo-nos com uma palestra doutrinária cheia de profundos ensinamentos, orientando sôbre o que era mister observar na presente sessão. Respondendo à pergunta que lhe fôra feita, sôbre se os visitantes poderiam assistir à reunião, disse que nenhum impedimento havia. Destacou o companheiro Inácio Domingos da Silva para acompanhar os confrades, Dr. Lauro Sales e Afonso Pinto da Fonseca, êstes dois últimos, membros do «corpo voluntário de cooperadores», organizado no Grupo, pela orientação do Espaço, para fazer os ambientes externos em casa dos enfêrmos, para com êles ir a Botafogo visitar a nossa irmã Rocha Pacheco, que de Minas

veio ao Rio para ser operada, o que realmente se deu na Casa de Saude «Santo Antonio». Essa nossa irmã vem sendo assistida moralmente pelos nossos companheiros, tendo os nossos guias preceituado, em favor dela, reuniões de intercessões em sua residência provisória, para consolidação de sua cura. No dia da reunião anterior, enquanto se processavam, na séde do Grupo, aos trabalhos correntes, os bondosos espíritos de Batuira e Celia Xavier se materializam no hospital, junto à cabeceira da doente, na presença da sua filha Prof.^a Oralda Câmara Polto, tendo esta levado um grande susto, pois se trata de uma neófita da Doutrina, que

pela primeira vez assistia aos transcendentos fenômenos, de materialização.

Depois da orientação do guia, a reunião seguiu o seu curso normal, tendo-nos falado, por voz direta, os amigos da espiritualidade José Grosso, David, Abel Gomes, Cairbar Schutel, André Luiz, Scheila, João de Deus, Auta de Souza e Garcês, ora em prosa, ora em verso, comentando palpitantes pontos da Doutrina Espírita e do Evangelho, que a todos confortou e instruiu.

No decurso dos trabalhos foi recebida a seguinte mensagem remetida, pelo confrade Medeiros, à irmã muito querida, de Campos, a que a mesma se destina:

«Recado a uma Legionária»

Oh! Samayanã
— Irmã querida!
Minha'alma ufana
E enternecida,
Contempla, agora,
— A bôa hora
Da tua entrada
Na alvorada
Do dia lindo
Do amor infindo,
Que refloriu,
Da grande Luz
Que o Bom-Jesus
Te permitiu,

Pelo heroismo
Da tua vida,
Seguindo a lida
Do Espiritismo.
Avante, então,
De coração
Te entregando!
E enfim lidando,
Na lei sagrada
— Alma adorada!
Da redenção!
Êsse caminho,
Bem de mansinho,
Percorre atenta,
Deixando assim,
O mal, enfim,

Alma sedenta
Do Grande amor,
A todo irmão,
Lenindo a dôr,
Do coração
Do teu vizinho
Dentro do ninho,
Do Bom-Senhor!
E', pois, o voto
Dêste devoto
Da amizade
E enfim te liga,
Sem mais intriga

Ao teu João».

A reunião terminou às 23 horas, depois de proferida a prece final pelo Vicente Viola.

Estava anunciado que a reunião de sábado, dia 31 de Maio, no «André Luiz», seria bastante proveitosa e teria os atrativos dos fenômenos de materialização, dado que já poderíamos contar com o médium Lins.

Evidentemente, aberta a reunião, depois de feita a prece inicial pelo Jacques, que presidia à sessão, o espírito amigo de Garcês, que nos falava pela mediunidade de incorporação de um dos médiuns presentes aos trabalhos, não só confirmava a nossa expectativa, como entrava em minudências, na recomendação que nos fazia, para o melhor rendimento dos trabalhos iniciados. Da assistência, fazia parte uma jovem enferma, Alice Soares Alves, que viera acompanhada de um casal, parente seu, que, como ela, não era espiritista, mas procurava recursos no Espi-

ritismo para sua cura, ameaçada que estava, pelos médicos da Terra, de ser submetida a uma intervenção cirúrgica, do apêndice. Os guias do Grupo haviam prometido ampará-la, tendo ela, nesta reunião, sido indicada para se recolher à sala contígua ao recinto das sessões, tendo-lhe feito companhia a nossa irmã Risoleta Vilar Viola.

Na cabine, recolheu-se o médium Lins e os primeiros fenômenos de efeitos físicos logo começaram a se produzir, depois de diminuída a luz, cantado um hino e feita uma prece. O orientador dos trabalhos tinha permitido que os acompanhantes da doente permanecessem no recinto, o mesmo sucedendo com os irmãos visitantes, Francisco de Assis, de Ubá, Minas Gerais e Dr. José Medeiros, de Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo, adiantando que os primeiros, interessados nos benefícios que ia receber a paciente, não poderiam prejudicar a boa marcha dos trabalhos, pois que os seus pensamen-

tos teriam de, forçosamente, ser amorosos e, os seguintes, por já estarem identificados com os nossos trabalhos e por serem confrades muito queridos dos componentes do Grupo. Vários fenômenos de luz multicolor se observam, produzidos por mais entidades da espiritualidade. O primeiro espírito a materializar-se é Nina Arneira, que vem ao recinto ministrar um passe no joelho doente de nossa companheira, Emilia Pova Santos. Novos focos de luz são produzidos, alguns dos quais se desfazendo, outros, tomando inteiramente o recinto. Nina volta a aparecer junto à entrada esquerda, envolta em luz. E cantado o hino «Celeste amigo vem» e dois vultos aparecem no espaço, por sobre a cabine, semi-materializados. Sou eu o encarregado de comentar a lição da noite, justamente quando o Fidelinho aparece do lado direito da cabine, bem junto de mim, dando-me o ensejo de o apreciar, com incrível nitidez. Toda a assistência canta a «Canção Materna», que o Fidelinho acompanha produzindo meneios compassados, de acordo com o ritmo da música. Tive a impressão de me estar defrontando, naquele instante, apreciando o Fidelinho, com uma criança garrida e inteligente, em carne e osso.

O Medeiros faz uma sentida prece e, depois, todos cantam «Almas Gêmeas», quando então se dá o fenômeno da aparição de três entidades espirituais: Nina Arneira, Neuza Magaldi e Scheila. A primeira, perfeitamente materializada, e as demais apresentando vultos de formas humanas, diáfanos, etéreos, pouco perceptíveis, tendo a assistência sido avisada, por voz direta, de que se tratava, realmente, dessas entidades.

O José vem falar-nos logo, em voz direta, enchendo o ambiente com a sua voz característica, dando uma nota alegre na penumbra. Elucida-nos sobre todas as ocorrências e informa-nos de que o caso da doente presente não era o que estava apontado pelos clínicos da Crosta, pois que a essa conclusão haviam chegado os nossos guias, depois de feito carinhoso exame. Voltamos a cantar novo hino, desta vez «Pai do Céu» e o Fidelinho reaparece-nos, ajudando-nos, mas agora a sua materialização é menos espessa, porisso mesmo menos perceptível.

O Henrique Magalhães profere uma prece e o Jacques faz um comentário,

ainda sobre a lição da noite. São apreciados novos e irradiantes focos policrômicos. E logo após se nos apresenta o querido espírito de Ilka dos Santos, filha dos nossos companheiros Vitorino e Alina Ferreira dos Santos que se aproximam, emocionados e felizes, da querida entidade. Esta responde carinhosamente a várias perguntas formuladas pela mãe e sustenta um ligeiro diálogo com o pai, que acaba fazendo uma prece, entre lágrimas de sentimento de alegria ao Pai Altíssimo, pela graça recebida. O José Grosso, solícito, volta a entreter com a sua palavra amiga e conselheira. A Madalena comenta a passagem evangélica que a Dulce Santos lembra no momento. Também eu sou incumbido de fazer uma prece, quando a Scheila nos vem falar, no seu sotaque próprio. E' cantado o hino «Aprendizes do Espiritismo» e André Luiz também nos fala, então, por voz direta. Cabe à irmã Margarida fazer, agora, a prece. Garcês vem anunciar-nos a conveniência de serem encerrados os trabalhos, os quais, adianta, tinham sido benéficos aos doentes. Pelo Jacques, depois de proferida a prece final, a sessão foi encerrada.

* * *

No mês de Junho realizaram-se várias sessões de tratamento astral, todas com resultados positivos, embora se não hajam registrado fenômenos de materialização. Muitos foram, entretanto, os fenômenos de luz radiante.

Um facto bem interessante foi observado no dia 8, domingo, à tarde na ocasião em que, no «André Luiz», a Juventude Espírita «Abel Gomes», anexa ao referido Grupo, realizava uma sessão especial, de doutrina e arte, em homenagem a Maria Santíssima. No instante em que a referida Juventude, do palco, improvisado no recinto, estando êste repleto de assistentes, inclusive representações das Juventudes espíritas de Nova Iguassú e Petrópolis, cantava o lindo hino «Canção Materna», ouviu-se, nitidamente a voz de Fidelinho, fazendo côro com as jovens, tendo a sua presença, no palco, sido registrada pela vidência dos médiuns que ali estavam.

Nas sessões dos dias 14, 21, e 28 deram-se factos relevantes e curiosos, na presença de vários irmãos visitantes, entre os quais figuram Luiz e Ipoméa de Oliveira, de Cachoeiro de Itapimirim, Esta-

do do Espírito Santo, Odilon Pereira de Souza, Branquinha Pereira de Souza e Osório Pacheco, de Juiz de Fóra, Minas Gerais e Vicente S. Neto, da Capital do Estado de São Paulo. A filhinha do Osório, que desincarnara ha cerca de dois anos, em Juiz de Fóra, falou por voz directa, dirigindo-se áquele que fôra seu progenitor. E o que o espírito disse e a maneira por que o fez, foram de tal modo convincentes que o Pacheco e a assistencia sentiram-se presas de forte impressão, guindados ao sabor de emoções doces e profundas.

Constataram-se, nessas sessões, vários benefícios a enfêrmos, entre os quais o da jovem Blandina Freire de Azevedo e do menino Raimundo, a primeira, portadora de um abcesso interno, localizado na região elíaca e o segundo, desenganado pelos médicos da Terra, a que os pais do enfêrmo recorreram sem lograr melhora e que apresentava depauperamento orgânico geral.

Uma e outro, graças a Deus, estão curados. Ha que destacar um caso pes-

soal. Subitamente eu me vi tomado de uma inflamação que me tomava a testa e os olhos, quasi me tirando a visão. Com o assistir duas reuniões consecutivas fiquei completamente bom.

Ficou evidenciado que o caso da senhorinha Alice Soares Alves não se tratava de apendicite ou, se o era, ficou curada sem ingerir nenhum remédio nem ser submetida a nenhuma intervenção cirúrgica, pois ela mesmo nos veio relatar que os médicos que lhe haviam feito tal diagnóstico acabaram, ao lhe fazerem novo exame, confessando que ela, não só não tinha inflamação no apêndice, como não tinha nenhum mal físico.

Outros casos, de menor monta, foram ainda registrados, deixando margem áqueles que os assinalaram e assistiram o justo júbilo de verificar que diante de tanta miséria e incompreensão humanas, a Misericórdia Divina, intérmina e bendita, continua a bafejar os pobres calcetas da dolorida jornada da vida planetária.

Amadeu Santos.

Trinta Anos Entre os Mortos

© Autor: Dr. Carl A. Wickland ©

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Espíritos de pessoas que tiveram, na Terra, o vício da bebida e que já não podem satisfazer o seu desejo, ligam, muitas vezes, a mortais de certa sensibilidade, procurando satisfazer o seu antigo hábito.

Em nosso círculo têm comparecido várias pessoas, vítimas de tal espécie de obsessão. O último caso tratado foi o da Sra. V., que tinha vício periódico e que, durante certo tempo, tentára em vão dominá-lo. Sentindo-se incapaz de dominar aquê-le impulso irresistível, veio certo dia procurar-nos, em lamentável estado, para ser submetida ao nosso tratamento. Depois de sua partida, fizemos uma concentração para ela e o espírito de um ébrio, desalojado da Sra. V., se incorporou na Sra. Wickland.

Sessão de 4 de Abril de 1923.

Espírito: Paul Hopkins — Paciente: Sra. V. — Médium: Sra. Wickland.

Médico — Sois estranho a nós? Onde viestes?

Espírito — Que calor! Porque me expulsastes justamente quando ia conseguir um pouco de bebida e me distraír?

Méd. — Não vos sentís envergonhado? Dominar uma senhora e arruinar-lhe a vida é então distração?

Esp. — Que se deve fazer quando se está atacado de nostalgia?

Méd. — Deveis dominar vosso antigo vício.

Esp. — Estou ardendo. Está um calor horrível!

Méd. — Onde viestes?

Esp. — Dai-me algo para beber, depressa. Sinto uma secura na garganta.

Méd. — Já não podeis mais beber.

Esp. — Estou ardendo.

Méd. — É por isso que fizestes uma senhora beber por vós. Sabeis que já morrestes e que sois agora um espírito?

Esp. — Tudo o que sei é que estou com calor. Estiveram jogando fogo sobre mim. (Tratamento elétrico aplicado na paciente).

Méd. — Era o que estáveis precisando.

Esp. — Corri logo que todo aquêlê fogo caíu sobre mim. Foi a primeira vez que experimentei tal coisa. Era tão quente que eu pensei que tivesse entrado num forno. Parece que há hoje muitas coisas novas.

Méd. — A que quereis referir-vos.

Esp. — Ao fogo nas minhas costas. Estou seco, sinto um calor horrível. Dai-me algo para beber, nem que seja algumas gotas.

Méd. — Não podeis compreender que já perdestes o vosso corpo mortal e que sois agora um espírito? Compreendeis o que estou dizendo?

Esp. — Não. Não vos conheço.

Méd. — Mas entendeis o que estou dizendo, não? Sois um espírito.

Esp. — Dai-me algo para beber. Tenho muita sede. Só consegui algumas gotas quando me expulsaram de onde estava.

Méd. — Porque não vos comportáveis direito.

Esp. — Não me aguento mais. Dai-me um pouquinho, apenas algumas gotas.

Méd. — Se não vos comportardes bem, ficareis de novo em trevas.

Esp. — Bem, quereis dizer ao homem do Bar que êle não me deu bem forte? Quereis dizer-lhe isto?

Méd. — Não tendes mais nada com eles.

Esp. — Mas eu quero algo para beber.

Méd. — Achais justo fazer uma mulher beber, para satisfazer o vosso desejo?

Esp. — Tinha que conseguí lo de qualquer forma.

Méd. — Mas fazer uma senhora beber uísque por vós?

Esp. — Senhora? Fui eu quem bebeu. Não foi nenhuma mulher. Es-

tamos numa época que dá muito trabalho conseguir qualquer bebida e, quando a conseguimos, vamos dar a outro para beber? Quero-a toda para mim.

Méd. — Mas não percebestes que a conseguistes por intermédio de uma senhora?

Esp. — Quero algo para beber, e depressa.

Méd. — Quero é que compreendais a vossa situação.

Esp. — Sempre fui um bom rapaz.

Méd. — Bom para nada.

Esp. — Isto não.

Méd. — Isto mesmo, bom para nada. Que estivestes então fazendo ultimamente?

Esp. — Há muito tempo que não trabalho.

Méd. — Sabeis em que ano estamos?

Esp. — Não me interessa.

Méd. — Estivestes metido na vida de uma senhora. Êste corpo não é o vosso; podeis compreender isto? É o corpo de uma mulher.

Esp. — Mulher?

Méd. — Sim. Examinai as vossas saías.

Esp. — Não uso saías. Mas certa vez já me pareceu que eu era mulher.

Méd. — E foi por intermédio dela que obtivestes o uísque. Devieis envergonhar-vos disto. Estáveis dominando o corpo de uma senhora.

Esp. — Porque deveria envergonhar-me? Eu só bebi um pouco de uísque.

Méd. — Verificais que estais em estranha situação.

Esp. — O que sei é que ás vezes me sinto esquisito.

Méd. — Fostes trazido aquí e permitido usar temporariamente êste corpo, para que possais compreender que deveis afastar-vos daquela senhora. Trata-se da Sra. V.? Vós a conheceis?

Esp. — Êste não é o meu nome, que não ouço há muito tempo. Ás vezes me sinto esquisito e não tenho uma noção exáta das coisas, como antigamente.

Méd. — E não procurastes saber a razão disto? A verdade é que perdestes o vosso corpo físico.

Esp. — Que é que me aconteceu?

Méd. — Sois um espírito, invisível a nós. Não o vemos aqui.

Esp. — Não me vêdes?

Méd. — Não.

Esp. — Então não me vêdes? Sou um rapagão. Não me vêdes mesmo? Porque? Quer ver que também andastes bebendo? Ora, então porque não me dais também algo para beber. Ficaremos bons amigos.

Méd. — Ficariais então num belo estado.

Esp. — Se me derdes uísque, lembrar-me-ei de vós em meu testamento. Dai-me um pouco de bebida e sejamos bons companheiros.

Méd. — Não farei nada disto.

Esp. — Não quereis ajudar um pobre amigo, quando êle está com tanto calor?

Méd. — Quero ajudar-vos sim, mas não como pensais.

Esp. — Porque me jogastes encima aquela coisa quente?

Méd. — Estava fazendo um tratamento elétrico numa senhora, não em vós. A senhora veio aqui pedir-mo. Afastamo-vos dela, porém parece que isto não vos interessa, interessa?

Esp. — Porque fizestes isto?

Méd. — Porque o merecieis.

Esp. — Bem, não quereis então dar-me um pouco de uísque?

Méd. — Estais perdendo o vosso tempo. O que estamos procurando fazer é que compreendais a vossa situação. Sois um espírito invisível, usando temporariamente o corpo de uma senhora.

Esp. — O que é que há com aquela outra senhora? Porque andava eu sempre com ela?

Novo símbolo da fé Cristã -- O Cristo Vivo!

J. B. Chagas

AO raiar da aurora dos novos tempos previstos nas Escrituras, surgirá, também, um novo símbolo da fé cristã, renascida.

A árvore do Evangelho, semeada ha quasi dois mil anos na Palestina, Ismael a transplantou para o rincão de Santa Cruz.

Segundo as maravilhosas previsões do Espírito da Verdade — «os povos, assim como os indivíduos, tem uma responsabilidade e um destino, cujo desenvolvimento é tão lógico, quanto o do indivíduo. Abunda em dôr o vosso mundo, porque é um mundo selvagem. Não temais, porém, a dôr, porquanto é só o que de verdadeiramente grande tendes, visto ser o instrumento de que dispondes, para a vossa redenção e libertação. A Justiça, que não é senão o aspecto do equilíbrio universal, regulador dos acontecimentos, mesmo no vosso mundo, exige que as faltas e os erros sejam corrigidos pela dôr. O a que dais o nome de *mal* ou *injustiça* não é mais do que uma natural e justa reação, que neutraliza o efeito das vossas obras. Tudo é buscado; tudo é merecido, embora não estejais em condições de compreender o como e o porquê de tudo. Aproxima-se uma grande mudança na vi-

da do mundo. Justa é a reação da Lei, que livremente violastes, impondo o restabelecimento do equilíbrio. Instrumento de ascensão, a dôr vos indica o caminho de onde vos desviastes. Ela força a vossa alma, fechada pelas alegrias fáceis que, desgraçadamente, vos cegam, a reabrir-se para alegrias mais altas e mais verdadeiras. E' uma fôrça que vos obriga a refletir e a rebuscar em vós mesmos a verdade esquecida. E' uma exigência de novo progresso. *Bem-aventurados os que sofrem* — disse o Cristo. Nenhuma barreira os divide, nem de religião, nem de nacionalidade, nem de raça, porquanto, em breve, uma só divisão existirá entre os homens: a *do justo e do injusto*. A divisão está no âmago das consciências e não no vosso exterior visível».

O novo símbolo, como estandarte de paz e de redenção, acobertará toda a humanidade.

Com o advento, pois, dos novos tempos, surgirá igualmente o reinado do Cristo-crucificado.

A igreja tem ensinado, desde todas as épocas, que pela morte de Jesus, na cruz, a humanidade obteve a sua redenção. A cruz, símbolo considerado stig-

ma do crime e do pecado, fôra transformado em símbolo de fé e de redenção só porque sôbre ela morrera o Divino Mestre Jesus! Daí o apêgo da Igreja pela cruz, que a considerou como símbolo e chave da salvação. Jesus morreu na cruz para ressurgir depois, redimindo a humanidade.

Assim, toda a autenticidade das crenças católicas repousa no dogma da ressurreição: — «*Se Cristo não ressuscitou, nossa fé é vã!*»

No seu Catecismo ensina ela às crianças, ter o Cristo «ressurgido dos mortos ao terceiro dia». Santifica o domingo, porque todo domingo é consagrado à comemoração da ressurreição de Cristo. E tem como dogma de fé a presença real e verdadeira de *Cristo-vivo* na sagrada eucaristia, obrigando aos fieis a que a recebem uma vez por ano «para terem a Vida!»

Prega a doutrina do Corpo Místico, de que Jesus é a cabeça e membros os seus reverendos. E se esforça em espalhar a convicção entre os cristãos para que dominem as suas más inclinações, para que possam dizer com o apóstolo dos gentios: — «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim!»

Mas, apesar dessa farta demonstração, os padres continuam explorando o *Cristo morto*, o Cristo crucificado! Vende-o a *grosso* e a *varejo*, nos balcões das suas igrejas!...

Quando ela está com a razão? — Ela nunca está com a razão, porque prima sempre pelas atitudes duvidosas.

* * *

A muitos indivíduos tem sido dada a intuição do novo símbolo. Os nossos irmãos católicos, não a compreenderam bem, confundindo-o com o Cristo redentor, e assim ergueram no alto do Corcovado a imagem do *Cristo vivo*, mas feito de pedra e granito. Todavia, essa é uma prova de que a intuição fôra recebida, chegando apenas a dar uma idéia do que será verdadeiramente o símbolo da nova crença — O *Cristo vivo!*

A Igreja católica terá, então, que optar por um dos símbolos. Ou o Cristo morto do Passado, pregado pelos judeus na cruz, ou o *Cristo-vivo*, que será o Senhor absoluto dos tempos novos. Aceitando o *Cristo-vivo*, a Igreja terá implicitamente derogado o dogma fundamental da ressurreição!



O Espiritismo não deve ser postergado

OS grandes ideais, que no curso dos séculos vêm conduzindo a humanidade para a conquista definitiva de sua própria felicidade, sofrem, na hora que passa, a mais dolorosa corrupção.

Na política, na ciência, como na religião e nas artes, predomina, poderosamente, o espírito das inovações, de deturpadores.

A democracia, tão mal compreendida e jamais praticada, serve de bandeira para todos os partidos políticos, do centro, da esquerda ou da direita, mesmo os que defendem as mais esdrúxulas doutrinas.

A Democracia que se propõe realizar o governo do povo, pelo povo e para o povo, não foi e nem será, possivelmente, tão cêdo praticada.

Vivemos, governados e gover-

nantes, numa longa e dolorosa experiência de aventuras, sofrendo as consequências dos maus governos que se prolongam e suscedem, raras vezes acertando por acaso, como quem navega em barco desarvorado em mar tempestuoso, deixando atrás as multidões dos revoltados que se preparam para as lutas sucessivas no sentido de reivindicar direitos postergados.

A poesia, a pintura, a escultura, a música, enfim, todas as belas artes, cujas obras immortalizaram com a sua eterna beleza, poetas, musicistas, pintores, escultores, nomes de fama universal, são hoje cultivadas por uma grande maioria de médiocres intérpretes que triunfam, graças, tão sómente, ao apóio de governos também médiocres que de tudo preten-

dem ou julgam entender, discricionariamente. Mas, a arte antiga ha de viver sempre, immortalizando na consciência dos pósteros, os grandes artistas, os inspirados gênios.

A igreja do Cristo que se manteve pura nos primeiros séculos, foi, por seus pseudos seguidores deturpada e transformada pela própria grei, tornando-se desde então a maior e mais poderosa organização política internacional, a serviço da usurpação dos direitos devidos a todos os cidadãos — a liberdade, de consciência.

As vítimas da sanha perseguidora do clericalismo patranha e secular, contam-se aos milhões por toda a parte onde a sua ação nefasta penetrou, patrocinada pelo beatério que ainda hoje caracteriza homens e governos.

Os cristãos novos, os bandeirantes do Evangelho que incorporam o Exercito anti-bélico da Terceira Revelação, seguem resolutos e não poderão jamais estacionar ante qualquer obstáculo, por mais ameaçador que lhes pareça o perigo a transpor.

Nós, os espíritas, somos hoje, afirmam os espíritos reveladores, os vañguardeiros de uma nova cruzada evangélica que ha de, espancando as trevas de nefastos preconceitos, espalhar, a mancheias, por todo o orbe, as sementes do Evangelho, as luzes da Terceira Revelação.

Ide e prégai, disse o Mestre, recomendendo os componentes da caravana apostolar.

Somos, pois, os continuadores dessa cruzada augusta, em marcha definitiva para a conquista absoluta de todos os direitos do homem miseravelmente postergados pelos falsos sacerdotes, falsos políticos, falsos artistas e todos os maculadores da mais

bela das filosofias, a Filosologia Cristã.

O Espiritismo, consubstanciado nas obras que os espíritos reveladores nos ditaram, é de facto, a revivescência do Cristianismo, com a sua pureza primitiva, isto é, sem os símbolos e rituais herdados do paganismo.

Cooperemos ao lado de todos os ardorosos propugnadores dos ideais de liberdade, sem nos perdermos jamais na confusão da hora presente; pois, acima de todas as convenções, acima de todos os interêsses de ordem puramente humana, estão os interêsses de ordem espiritual e, nenhum povo, qualquer que êle seja, por maior que sejam os seus exércitos, por mais poderosas que sejam as fôrças bélicas a seu serviço, não vencerão jamais o ideal triunfante de sadia espiritualidade em marcha.

O triunfo do Espiritismo não está apenas nas obras de feição exclusivamente social como pretendem muitos, mas, sobretudo, na vitória do espírito.

As igrejas velhas, as que se julgam detentoras da verdade, que construíram hospitais, creches, asilos, albergues; que entoaram hinos, ergueram templos e impuseram aos governos as suas vontades, não resolveram e não resolverão, temos, convicção, os sérios problemas da humanidade, mas postergaram o Cristianismo.

O Espiritismo não deve ser assim, postergado e, para isso, o nosso processo de propaganda é diferente do de todas as igrejas porque é, de facto, no sentido da espiritualização de todos os homens que assim preparados, tudo conquistarão, resolvendo facilmente os seus mais difíceis problemas.

Pereira Guedes.

Todos os factos e fenômenos espíritas que desde tempos imemoriais vêm se verificando no vosso mundo, visam unicamente demonstrar aos homens que êles são almas imortais e que, dentro desta realidade, devem basear todos os seus atos e a sua vida, afim de alcançarem os degraus superiores da infinita escada da perfeição. Isto significa que a morte não é mais do que uma breve transição, não devendo, portanto, ser encarada com mêdo e pessimismo, como fazem os incientes.

CAIRBAR.

LIVROS E AUTORES

Leopoldo
Machado

LUZ NO CAMINHO — Isidoro Duarte Santos — *Estudos Psíquicos*, Editora, Lisbôa

Ilustre confrade, dos mais cultos, para quem o Espiritismo é mais uma ciência experimental do que doutrina cristã, por isso mesmo, tanto mais se alheia dos estudos evangélicos à luz do Espiritismo, quanto mais se agarra aos fenômenos mediúnicos, disse-nos, certa vez, algo parecido com isto:

— Não aceito o espiritismo cristão.

Se fôrmos meter evangelho em todos os atos espíritas, dentro em breve teremos uma seita protestante a mais: o protestantismo espírita.

E prosseguiu, observador, a citar instituições e confrades que, para sua observação, lógica, aliás, tanto mais agarrados aos estudos evangélicos, quanto mais errados dentro do Evangelho, porque intolerantes, exclusivistas, desfraternos, pretenciosos.

Tem razão no que toca à observação feita a respeito dos confrades e instituições de nosso conhecimento.

Mas, discordamos dêle no restante. E argumentámos, de nossa parte:

— Em que parte do mundo está o Espiritismo mais difundido? Apresenta maior cópia de instituições de estudos e amparo social? Obras de caracter doutrinário e humanitário? Empresas editoras, publicações espíritas e trabalhos de propaganda? No Brasil, claro. E é no Brasil onde se faz menos espiritismo experimental e científico. Logo, seu desenvolvimento decorre, para nós, do caracter evangélico-cristão da Doutrina entre nós. E olhe que o interêsse do espírita brasileiro, quer instituição, quer indivíduo, ainda não passou de seu primeiro estágio evangélico.

Êle não compreendeu a advertência.

Nem compreenderá o leitor sem a devida explicação.

Expliquemo-nos:

Estudar o Evangelho, apenas, pelo dever ou prazer de estudá-lo, eis o primeiro estágio. Estudam-no todos os nomes e instituições citados pelo confrade illustre, servindo isso, apenas, para aumentar, às vezes, suas responsabilidades dentro da

Doutrina, se não ascenderem ao outro estágio: compreender o que estudam, interpretá-lo direitinho. Mas, é pouco, ainda, compreendê-lo sómente. E' preciso sentí-lo, provando-o por sua transformação geral, a exemplos e atos. Eis o terceiro estágio. O quarto estágio: praticá-lo, vivê-lo a obras e fatos, que só pelas obras é que o Mestre Divino conhece seus discípulos. Mormente a obras de caridade e exemplos de tolerância e renúncia, de amor e confraternização...

Convenhamos que o Evangelho não é de fácil interpretação.

E' livro que não se lê duas vezes — para os que o leiem meditando — sentindo-o e interpretando-o, do mesmo jeito.

Ora, qualquer obra que nos auxilie a interpretar o Grande Livro, com clareza, lógica e persuasão, mormente quando se sabe que seu autor se esforça para — ó coisa difícil e rara! — viver em atos e exemplos o que interpreta e ensina; qualquer obra assim tem de nós, por exemplo, toda a acolhida e importância; deve ter da parte de todo estudioso das letras santas, importância e acolhida maiores.

E' êste o caso do LUZ NO CAMINHO, de Isidoro Duarte Santos, que acabamos de lêr. E de reler algumas interpretações e páginas. Edição da ESTUDOS PSÍQUICOS, Editora, que prima, cada vez mais e sempre, em editar livros substanciosos e oportunnissimos. São 346 páginas compactas, de trabalho graficamente bem apresentado, com 82 estudos sintéticos, que se lêem e relêem com crescente prazer, aprendendo-se. E' livro que se abre, ao acaso, para que se leia, ao acaso, uma página de ouro. Mas, de ouro de lei da melhor interpretação evangélica, do mais fino gosto literário, da maior vernaculidade. De nós, por exemplo, antes da leitura metodizada, abrimo-lo ao acaso. Saiu-nos o capítulo IDE E PREGAI. Lemo-lo e relemo-lo, talvez por ser coisa das que mais gostamos na Doutrina, em combate ao nosso comodismo, e procurando, embora imperfeitamente, imitar os vultos que, na história do Cristianismo e do Espiritismo, como, depois do Cristo e dos apóstolos, Paulo e Allan Kardec, saiam a pregar, a despeito de seus

muitos afazeres. Se pudéssemos, transportaríamos para aqui todo o capítulo. Não que se trate de novidades. Mas, de coisas que precisam ser repetidas, num clamor sem cessar, no propósito de despertar tanto espírita de criminosa e cômoda modorra. Trata-se de uma página, como, de resto, as páginas todas do precioso volume, a pedir, num exame de Doutrina, por seu valor doutrinário e por sua leveza de estílo, por sua lógica e suavidade de linguagem, grau 100. Quando se cogitar, em Portugal ou no Brasil, de uma antologia espírita, luso-brasileira, para estudo de jovens e crianças que já se acotovelam nas escolas dos centros e em núcleos juvenís, será com dificuldade que se escolherá no grande LUZ NO CAMINHO, qual a página para a antologia...

Lamentamos ficar por aqui, sem espaço para citar e comentar, de vez que se trata, efetivamente, de volume primoroso, que é, sem favor nenhum, o que de melhor já se publicou, em livro, na espécie.

* * *

Opúsculos e Livros

Nesta época de livros massudós e caros, opúsculos leves, instrutivos e baratinhos devem ter o seu lugar. E têm-no, evidentemente. Entre muitas vantagens, a de serem leves no preço e no porte, nos temas e na leitura.

Não somos partidários de livros espíritas caros. Como não o somos de que se deve dar gratuitamente, a obra espírita. O que é oferecido, indistintamente, diminúe de valor. E o livro caro não pôde tocar a todos. Tanto mais quanto, no meio espírita, observamos que os confrades mais estudiosos são, via de regra, os menos abastados. Por tudo isso, os opúsculos têm sua importância e os livros espíritas não deveriam ter preço proibitivo para as bolsas menos abastadas. Acresce mais uma vantagem militante a favor do opúsculo: o opúsculo é, quasi sempre, distribuído gratuitamente.

Tratemos, aqui, de dois recebidos gratuitamente:

PERISPÍRITO — J. Carlos de Assis—Rio.

Trata-se de um folheto que, posto em volume, corpo graúdo, entrelinhado, papel *bufon*, daria um gróssio volume pa-

ra muito dinheiro e peso. São 32 páginas compactas, corpo 6 graúdo, espaço um. O autor estuda, substanciosamente, o perispírito, nas suas páginas, cujo estudo agrada. Compara teorias, confronta definições, expõe análises, apresenta razões próprias e de outrem, de cuja leitura se sai com idéias mais seguras e mais completa do terceiro elemento. Numa palavra, é uma leitura que vale mais, muito mais, em substância e doutrina, do que muitos volumes famosos que por aí vão, sôbre coisas da Doutrina.

BUSQUEMOS A VERDADE—João Olavo — Santos.

Eis outro opúsculo interessante, que se lê com agrado.

Bem impresso, 30 páginas, corpo 8, reúne uma série de artigos que, a pedido, diz o autor, foram agora, enfeixados em folheto. É uma série interessante de conceitos, análises, teorias e razões passam e perpassam aos nossos olhos, ligeiramente, convidando-nos à meditação. Tudo, muito bem posto em linguagem corrente e estílo bonito.

Só estranhamos uma coisa: como pôde um espiritualista, e espírita, buscar e encontrar a verdade no comunismo, ou no partido comunista?

Estamos à vontade para a pergunta, pelos nossos escritos a respeito, a exemplo do capítulo, O ESPIRITISMO NÃO SE MISTURA, de nosso *Observações e Sugestões* e pelo que escrevemos, desafiando contestação, em nosso CRUZADA DO ESPIRITISMO DE VIVOS, a aparecer por êsses dias, edição da Gráfica O CLARIM.

Quem têm sede de água cristalina não pôde saciá-la, é claro, com água pesada, a pedir filtro ou fervura. Quem está com sede de espiritualidade não pode desalterá-la, é óbvio, em doutrinas materialistas e superficiais, em partidos políticos que, por serem *partidos*, não satisfazem aos famintos de coisas inteiras.

Nem por isso deixamos de ser grato ao ilustre autor, um velho amigo de Santos, pelo exemplar que nos coube com dedicatória.

* * *

INEFÁVEL MENSAGEM — Inez Varela, Rio.

Este, está entre o opúsculo e o livro.

E, um volume de 130 páginas, bem impresso, edição da *Gráfica Mundo Espírita*. Abre-o, com uma bem feita apresentação, o sr Rubey Wanderlei, que, parece, não é espírita. Mas, sua apresentação foi o que de mais interessante encontramos no volume, embora lhe dê vida uma história tocante. Morre a filhinha da autora, a Verita, mocinha, boa e bela. Era a razão mesma da vida da mãe. E a autora esteve, por isso mesmo, às portas da loucura e da morte. O espírito da filha, por intermédio de outro espírito amigo, que não diz quem é, manda consolá-la através de comunicações, com promessa de que chegará a vez da filha vir, também, com a sua comunicação. Mas, essa vez não chegou. São 157 mensagens, todas no mesmo diapasão, que constituem a *Inefável Mensagem*.

Somos grato ao volume que nos coube.

* * *

Críticos de nós mesmos?

De modo algum.

Apenas anunciar aqui, também, mais um opúsculo, OBSERVAÇÕES e SUGESTÕES, da *Gráfica Moreira*, de Cruzeiro, S. Paulo.

Se a leitura do opúsculo compensar o leitor da enormidade dos erros tipográficos, e de sua inferior apresentação gráfica, será esta, na verdade a única compensação. Nunca vimos um trabalho nosso — e nós somos vítimas de incorreções gráficas em nossos trabalhos quasi todos! — tão mal apresentado graficamente, de revisão tão imperfeita.

Por seu preço, entretanto, pela finalidade de sua publicação, que é auxiliar a manutenção do *Lar de Jesus* e para ler a história dos *Diabinhos Côxos*, talvez compense sua aquisição e leitura.

Crônica Estrangeira

Aos três anos de idade, toca piano como poucos e sem olhar para o teclado

De «Jornal de São Paulo»

Agências telegráficas especializadas enviaram, há poucos dias vinda dos Estados Unidos, a fotografia de uma menina-prodígio, que, com três anos de idade, já domina o teclado como gente grande, fazendo mesmo inveja a certos «virtuosos» entrados em muito mais anos.

Embora não constituam novidade essas meninas precoces, a notícia causou sensação, porque a garota em evidência tem apenas três anos de idade. Agora, o reporter foi encontrar, nesta Capital, á Travessa Buenopolis, 11, no Ipiranga, residência do tte. Manuel Cosentino, da Força Policial, também pianista e compositor bastante conhecido em nossos meios musicais — uma segunda edição do prodigioso «yankee». Trata-se de uma sobrinha daquele militar: Sandra Maria Cosentino Abrahão, um pedacinho de gente, também de três anos apenas, que — e isto é de novo — já aos dezoito meses exe-

cutava ao piano, com desembaraço e arte, o «Atirei o pau no ga-to-to...». Sandra Maria, filha do sr. Alfredo Abrahão, residente á rua Nossa Senhora de Lourdes, 118, no Cambuci, tem, pelo lado materno por quem sair musicista — sua mãe é pianista, o mesmo acontecendo com sua tia, pianista e já não se falando no tte. Cosentino, que, além de pianista e violonista, é autor de diversas músicas populares de sucesso. Com três anos, Sandra Maria executa, com facilidade, sem tropeços, fazendo mesmo variações, músicas de Schubert, composições populares, como sambas e valsas, rumbas e fox, etc. E faz tudo isso com muita personalidade, sem olhar para o teclado, onde suas mãozinhas deslizam velozes, seguras. Seus olhos castanhos pousam sobre o reporter e ficam, cismadores, como se não estivessem olhando nada, como se sua dona estivesse alheia de tudo e de todos, até mesmo do piano. E as valsas, tangos e rumbas vão fluindo dos seus dedinhos ágeis. Parece até que não é Sandra quem está tocando. E Sandra Maria — afirmam seus parentes — nunca foi forçada, como acontece a muitas «precocidades», áqueles exercícios. Fá-los espontaneamente. Aí está, ao piano, cujo

pedal nem alcança, o palminho-e-meio de gente que nada fica a dever a prodígios de outras terras.

1.º de Novembro de 1947.



Viver sem Cérebro

«...A ciência moderna—escreveu Alwin Dresler em «You're Wrong About That»—se inclina a negar que o cérebro seja, como há pouco se pensava, a séde da inteligência e o arquivo da memória. Primeiro, porque o Espiritismo e o ocultismo têm provado que o indivíduo existe extramaterialmente, não só na vida mas também depois da morte; segundo, porque cada vez mais se torna evidente que os indivíduos com cérebros danificados ou destruídos continuam pensando, falando e agindo normalmente.

O professor G. W. Surya relata o caso de um homem que esteve louco por muitos anos e que inesperadamente recuperou o uso da razão, pouco tempo antes de morrer. Quando posto em presença da família, todo mundo se admirou da sensatez com que se dirigia a cada um dos membros, dizendo cousas acertadas e oportu-

nas. A autopsia, em seguida, revelou que praticamente nenhuma matéria cerebral existia na cavidade craneana. Um processo patológico havia destruído gradualmente a substância cerebral. O mistério de sua volta inesperada á normalidade dos sentidos e à inteligência continuou pendente de solução.

Antes da Grande Guerra, o filósofo Henri Bergson, um dos maiores nomes da nossa época, expressou a crença de não ser o cérebro a séde da alma, baseando suas teorias nas experiências que realizara em veteranos da guerra dos Balcãs com lesões no cérebro. Alvin Dresler, autor do artigo, conta que foi testemunha de um caso notável. Durante a batalha do Marne, um de seus camaradas foi ferido de tal maneira que o cérebro saltou através de um orifício aberto no crâneo.

Pois bem, apesar de tudo, o homem viveu vários dias e manteve-se consciente até os últimos momentos. Preparou-se para morrer e metodicamente escreveu cartas a seus parentes e amigos.

Impõe-se a seguinte pergunta: Qual a atitude que assumirá a ciência materialista em presença de factos semelhantes?»

De «Constancia».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Promoverão em S. Paulo uma ampla reunião de educadores espíritas de todo o Estado

A reportagem do DIÁRIO DA NOITE, tendo conhecimento de que a Comissão de Educação da União Social Espírita cogita de promover, nesta Capital, uma ampla reunião de professores espíritas de todo o Estado, para fundação de um instituto estadual de educação, de orientação espírita, procurou ouvir, a respeito, o sr. José Paneta, membro daquela comissão, que nos fez as seguintes declarações:

— «Realmente, a Comissão de Educação do Conselho Deliberativo da U.S.E., recentemente constituída, resolveu, desde

as suas primeiras reuniões, estudar as possibilidades de lançamento de uma campanha de fundação de um instituto espírita de educação de âmbito estadual, com séde na Capital. O movimento espírita em nosso Estado é muito amplo. Os espíritas, porém, até o momento, têm cuidado apenas de dois aspectos doutrinários, que embora muito interessantes, não devem excluir o interêsse pelos problemas educacionais. Êsses dois aspectos são o de assistência social, atividade que se tornou uma das características do movimento espírita paulista, e outro o propriamente doutrinário, ou seja, de organização interna do movimento. Este chegou ao máximo, em São Paulo, com a recente constituição da União Social Espírita, organismo que se constitui das quatro maiores entidades da Capital e de

cerca de oitocentos centros e associações espíritas de todo o interior. Estamos, portanto, dado êsse grande passo na unificação do movimento espírita estadual, em condições e na obrigação de promover alguma coisa de objetivo imediato no terreno da educação, onde os pais espíritas lutam sempre com as maiores dificuldades, não obstante o princípio de tolerância que caracteriza todos os verdadeiros espíritas».

Estudarão em conjunto a fundação do Instituto

— «Os espíritas — prosseguiu o sr. José Paneta — não dispõem de educandários próprios para a educação de seus filhos. São assim obrigados a recorrer, constantemente, aos educandários católicos ou protestantes, quando não encontram vagas e possibilidades nos estabelecimentos leigos, que são hoje em número muito reduzido. Do ponto de vista religioso, isto não impressiona muito aos espíritas, que são naturalmente tolerantes e não consideram como perigoso nenhum princípio religioso. Do ponto de vista, porém, da formação intelectual e cultural das crianças, o caso merece maiores considerações, pois que estas geralmente se sentem chocadas entre princípios opostos, sem possibilidades de um desenvolvimento mais sólido e homogêneo da personalidade, dentro da orientação espiritual que recebem dos pais. Não raro encontramos, por êsse motivo, casos de verdadeiros desajustamentos, dentro das famílias espíritas. Ora, é obrigação dos espíritas fazerem alguma coisa para anular essa situação incômoda, e isso será feito pela Comissão de Educação da U.S.E., que reunirá em São Paulo os professores espíritas de todo o Estado, para o debate do assunto e o lançamento de uma obra em conjunto, na construção de amplo instituto educacional de orientação espírita».

Um grande Ginásio em Franca

Perguntamos ao sr. José Paneta se os espíritas paulistas já possuem alguma organização dêsse character, ao que nos respondeu:

— «Em Franca, um médico espírita, o sr. Thomaz Novelino, diretor-clínico da Casa de Saude Allan Kardec, desen-

volveu uma campanha das mais proffícuas, conseguindo fundar e instalar em magnífico edifício especialmente construído, um ginásio espírita com a denominação muito sugestiva de «Educandário Pestalozzi». Como se sabe o grande educador suíço foi mestre de Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita. A homenagem, portanto, é das mais oportunas, tanto mais que Allan Kardec tornou-se, em vida, o discípulo principal de Pestalozzi, e muitas vezes o substituiu em difíceis empreendimentos. Em Nova-Iguaçu, no Estado do Rio, o prof. Leopoldo Machado fundou e dirige um ginásio e colégio, também de orientação espírita. Em São Paulo, já por várias vezes se cogitou do assunto. Faltava porém, as condições atuais, que o movimento unificador da U.S.E. proporciona. Os espíritas paulistas já estão hoje organizados numa ampla frente de unificação, e este simples facto basta para nos assegurar o mais completo êxito na campanha que vamos empreender. Assim como os católicos possuem a sua Universidade, os protestantes os seus vários colégios, os espíritas paulistas também contarão dentro em breve, com um instituto educacional que incluirá todos os cursos desde o pré-primário aos superiores».

«Diário da Noite» de 29-3-948.

A construção de um instituto educacional de orientação espírita, na Capital, incluindo todos os cursos desde o primário aos superiores, deve constituir um dos objetivos principais dos espíritas no campo da educação. É tarefa pesada, não ha dúvida, de vez que exige apreciáveis recursos pecuniários, mas, com a boa vontade dos espíritas, êsse obstáculo será removido e os pais espíritas terão, então, a grande satisfação de verem os filhos livres da intolerância e até da perseguição de professores que, presos aos rudimentos de suas arcaicas e já infrutíferas crenças religiosas, não trepidam em menosprezar a Lei, que garante a liberdade de crença ou de culto.

Formuíamos os melhores votos para que a reunião, na Capital, de professores espíritas de todo o Estado, alcance o mais completo êxito no lançamento dessa grande obra espírita.

Crônica do 3.º Dia da Semana Espírita Cristã de Nova-Iguassú

Consagrado aos irmãos de Cruzeiro, realizado em 23 de Março de 1948.

Pela manhã, depois de deixarem os semaneiros visitantes os seus leitos, fomos, incorporados, visitar a sede da Associação Espírita «Pioneiros da Verdade», sendo por essa ocasião, percorridas todas as dependências da instituição.

A's 9,20 minutos, o cronista foi convidado a chamar os seus companheiros, pois, que ia ser servido o café, tendo êle, usando da palavra, justificado a ausência do irmão Prof. Leopoldo Machado, por motivos de afazeres da sua profissão. Fez, a seguir, a saudação aos pioneiros da Verdade e Mocidade Espírita de «Icléa», em nome de todos os visitantes, orando a prece. Entre expansões naturais de júbilos, foi servido pelas dedicadas pioneiras, café, leite, dôces e biscoitos. Havia grande e pequeno, tendo o Lasneau *optado* pelos dois.

A's 9,30, o irmão Eugenio Beauvallet, presidente da Associação, na sala contígua, assumiu a presidência da mesa e convidou o irmão cronista para presidir os trabalhos, uma vez que se achava substituindo o irmão Leopoldo. Êste, por sua vez, como motivo de confraternização, convidou a tomarem assento à mesa os visitantes de Cruzeiro e para dirigir os trabalhos, o irmão Luiz Mescolin Filho, de Juiz de Fôra, como uma singela homenagem pela sua recente eleição para a presidência da Associação Espírita «Seára de Jesus», da sua terra.

A mesa ficou assim constituída: — Eugenio, Chagas, Mescolin, A. Belém, Antenor de Souza, Felipe Soares de Melo, representante da Mocidade Espírita do Rio Grande do Norte, Sebastião Lasneau, da Barra do Piraí, Gustavo Mollem e Odette Lucia, de Cruzeiro.

Eugenio, em ligeiras palavras, disse alguma coisa sôbre a significação da visita, a qual correspondia justamente com a data comemorativa do aniversário do nascimento de Icléa, o guia e protetor da Mocidade da Casa.

Luiz Mescolin, depois de dizer breves palavras, orou a prece inicial, abrindo

a segunda parte do programa, passando esta ao irmão Antenor, de Cruzeiro. Êste irmão, com a sua costumeira humildade, tece alguns comentários acerca da necessidade de serem cada vez mais prestigiadas as semanas espíritas.

Em prosseguimento, falou a srta. Rosaly Campelo, presidente da Mocidade de Icléa, saudando os semaneiros e justificando a transferência da sua festa para dar lugar àquela visita.

Adolfo Belém foi convidado a falar em nome da C. E. L. J., preferindo fazê-lo em nome do «Fé, Esperança e Caridade», abordando interessantes comentários, em tórno das três virtudes teológicas e, em gestos de arroubos de oratória, pede ao Pai que lhe aumente o peso da sua cruz, pois, aludiu as sete das suas tarefas nos Centros adesos a CELJ. Todavia, o irmão Belém, não esqueceu, também, de imprecisar ao Senhor que lhe desse as fôrças necessárias para levar a sua cruz ao calvário da sua salvação... Pudéra, não fôsse êle o nosso patriarca...

O Tte. Felipe falou pelo Norte, frisando com muita justeza a necessidade de uma melhor preparação dos moços espíritas da nossa terra, porque, dizia êle, nós dispomos sôbre aqueles que nos irão substituir nos nossos lares, nas casas comerciais, e com justa razão devemos preparar aqueles que nos irão substituir nas tendas do trabalho espírita. Muitas palmas recebeu o nosso irmão.

Os trabalhos desta parte, foram intercalados com números de declamação, canto, etc. Assim, as jovens de Macaé, Sidonia, Aldione, Cecy e Yeda, cantaram, em homenagem aos irmãos paulistas, o Acróstico «Mocidade», em bela alegoria a São Paulo, que tendo lá muito café, manda os seus filhos tomarem café em Nova Iguassú...

D. Risoleta Soares falou sôbre a responsabilidade da Mulher e cantou Prece a Jesus. O menino Délio recitou. Sebastião Lasneau, falou e recitou o soneto *Mãos*, fazendo uma quadrinha em homenagem à Mocidade de Icléa, que é a seguinte:

Nos corações dos icleanos,
Mora uma luz iluminando a idéia,
Essa luz é o faról que os ilumina
E vem do grande espírito de Icléa!

Luiz Mescolin cantou *Ave Maria*, de *Goonoud*, com a letra de Lasneau, em-

balsamando o ambiente de doces eflúvios.

Antenor, agradeceu as homenagens recebidas pelos seus companheiros, declamando o soneto o *Pântano*, de Casemiro Cunha. Yeda, declamou *Mãe*, de Auta de Souza.

Luiz Mescolin, finalmente, manifestou o desejo de encerrar a reunião, por ter se esgotado o tempo regulamentar. Eugênio fez a prece final e os moços da «Icléa», em homenagem a sua patrona, cantaram o Hino *A' Icléa*. Assim, terminou a reunião, entre expansões de júbilos e muito *léro léro*, dos faladores presentes, inclusive do cronista.

* * *

A segunda parte do programa foi levada a efeito na séde do C. E. «Fé, Esperança e Caridade», tendo início às 20,00, com a casa completamente lotada. O irmão Leopoldo, assumindo à mesa da presidência, convidou a comporem a mesma os irmãos de Cruzeiro, os donos do dia, Antenor de Souza, Gustavo Mollem e a srta. Odete Lucia, bem assim o cronista e J. A. Marques, o encarregado de recepcionar os visitantes. Também foi chamado o irmão Lasneau para lêr a crônica do dia anterior. O prof. José Jorge, o conferencista da noite, já se achava em seu posto, para iniciar a leitura da sua exposição sôbre a comemoração dos Fenômenos Espíritos, sob o têmea — «A Repercussão dos Fenômenos de Hydesville, em París, e a Conversão do futuro Codificador».

Convocados os moços, estes cantaram o hino da alegria cristã. Após o que Leopoldo orou a prece, passando a palavra ao conferencista programado. Eram precisamente 20,10 minutos. Concluída a leitura da substanciosa conferência, foi o orador aplaudido, embora tenha avançado um pouco na hora. Foi dada a palavra ao irmão Sebastião Lasneau, o qual, por seu turno, encarregou o irmão Valdemiro para lêr a sua crônica, por ser êle analfabeto, isto é, sofrer da visão e não o poder fazer.

A seguir usou da palavra o irmão J. A. Marques para, em nome da C.E.L.J., saudar os semaneiros de Cruzeiro. Falou pouco e agradou. Antenor, agradeceu a saudação e a jovem Odete leu um trabalho sôbre o ponto programado que era — «Sêde mansos como as pombas...» Ante-

nor, voltando a falar, procurou justificar a sua pequenez para produzir uma explanação a contento de todos, embora se diga, por aí, com algum veneno, ser êle a sombra do Professor Leopoldo... Mesmo assim, ou seja apesar da sua modéstia, e do seu sotaque, caracteristicamente paulista, arrastando os *rrr*, êle abordou judiciosos comentários em tôrno da necessidade de sermos humildes e mansos como as pombas, como aconselhou Jesus. Quando ainda falava o irmão Antenor, deu entrada no salão o irmão Pedro Fortes, também de Cruzeiro. Passou-se a seguir a 3.ª parte, depois de ter o Prof. Leopoldo feito a prece. Foi encarregada do jornal falado a jovem Belinha Carvalho. Antes, foi cantado o hino da Mocidade Espírita Cristã, de Cruzeiro, em homenagem aos visitantes. Esta parte esteve a cargo dos elementos da M. E. I. e constou de esquetes, declamações, canto, etc., não podendo nós destacar qual a melhor interpretação, pois, que todos deram cabal desempenho às suas tarefas.

Sonia Campos, cantou *Almas Gêmeas*. Odete Lucia, declamou uma poesia. O esquete Espiritismo, teve a atuação de Antonizele Brandão e Cirio Campos. Cenir Vieira, de Nilopolis, declamou no *Topo do Calvario*, de Guerra Junqueiro. Altamiro Borges de Freitas, cantou, acompanhando-se ao violão, *Ave Maria* (canção). Em seguida, o *Céguinho*, fado português. Número de grande sensação, que agradou sobremodo, a ponto de ser bisado, tocado e cantado que fôra com emoção e sentimento.

Duas Colegiais, interessante esquete, teve a genial interpretação das irmãs Sonia e Soní Campos.

— *E por hoje basta!* — disse o irmão Leopoldo — para declarar encerrados os trabalhos.

Os jovens cantaram o hino *Pai do Céu*. Estava concluída mais uma reunião da 3.ª Semana Espírita Cristã de Nova Iguassú.

E agora, peçamos ao Pai que permita vivermos num *eterno e continuo banquete*, conforme nos fala o livro dos Proverbios, Cap. 15 : 13, fazendo-nos uma semana espírita que dure toda a vida!

Paz e luz para todos

J. B. Chagas.

«Para o Alto»

O novo livro de Leopoldo Machado visto por *M. Quintão*.

«Mas... PARA O ALTO?»

Lí-o de um fôlego e anotei a fecundia imaginativa, o critério temático, a fluência e naturalidade verbalística, o estilo eskorreito, indene de suturas e rebites, o senso métrico, enfim, uma tal ou qual euroforia dos plumitivos de bôa estirpe. Estes predicados não posso omitilos, quando tenho em mãos os originais de mais um livro de Humberto de Campos, pelo Chico Xavier—o inconfundível Conselheiro XX. São 50 crônicas de fino sabor literário, com muitos traços de afinidade com a tua tecnica, por sinal que até semelhante no título, LUZ ACIMA. Não vejo nisso mera coincidência, antes induzo que aos roteiristas de PARA O ALTO se propicia LUZ ACIMA».

PARA O ALTO é edição primorosa da LIVRARIA ALLAN KARDEC, Editora, de S. PAULO. E está sendo dis-

tribuido a benefício do LAR DE JESUS, a Cr. \$ 18,00. Belo formato, duzentas e muitas páginas em papel de primeira.

Pedidos para a Caixa Postal, n.º 6, Nova-Iguassú, E. do Rio, ou na Livraria «O Clarim».

MONTEIRO LOBATO, prefaciando o livro

Afinal, quem Somos ?

de PEDRO GRANJA, responde a pergunta :

«...Somos espíritos imortais e divinos. Fortes e inalteráveis. Sempre tendentes a melhorar, a aperfeiçoar, a apurar as nossas qualidades...»

AFINAL, QUEM SOMOS ?

A' venda em todas as Livrarias, num volume de 382 pags., por Cr. \$ 25,00.

Pedidos à Livraria «O Clarim».



Necrologia



General Adolfo Rodrigues de Mesquita

No Palacete do Hospital Militar de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, onde se encontrava em tratamento de saúde, deu se no dia 23 de Abril último, o desincarne deste ilustre militar e fervoroso adepto da Doutrina Espírita.

Exemplar chefe de família e cavalheiro dotado de predicados morais e intelectuais, deixou vasta folha de

serviços prestados à Pátria, serviços que bem dizem do seu valor como oficial superior do nosso exército.

Grandemente estimado, não só na vida militar e civil, como também nos meios espíritas, onde trabalhou na difusão da Doutrina, o seu passamento foi muito sentido entre aqueles que com êle tiveram a ventura de travar relações.

Que Jesus receba em seu seio o espírito recém liberto, proporcionando-lhe mais luzes ainda na sua caminhada em demanda do reino de Deus.

Os homens sempre se empenharam a fundo pela conquista dos bens temporais, mas chegou o tempo em que êles começam a compreender que a felicidade só a encontrarão nos bens espirituais, que são eternos. E essa compreensão não lhes é dada pelas religiões humanas, mas pelo Espiritismo, que esclarece consciências obscurecidas pelos dogmas de toda a espécie e conforta as criaturas que palmilham o escaldante deserto da vida terrena. Portanto, aumentai os vossos esforços na seára.

CAIRBAR.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho

Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas europeas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e Ecos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr. \$30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. \$2,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

